

A SOLIDÃO RADICAL DO HOMEM OU SOLIDÃO EXISTENCIAL

1. *O homem e a solidão radical*
2. *Individualidade e mistério pessoal*
3. *Comunicação e incomunicabilidade*
4. *Solidão existencial e liberdade*
5. *A experiência da solidão como fonte de comunhão*

1. O homem e a solidão radical

A solidão radical ou existencial tem as suas raízes na essência do homem, é constitutiva da sua própria natureza, por isso é também chamada «solidão ontológica». O livro do Génesis apresenta-a desta forma: «Não é bom que o homem esteja só» (Gn 2,18). A criação da mulher representa uma resposta de Deus à solidão originária do homem.

Esta solidão original faz parte da natureza humana, identifica o homem e a mulher e os distingue dos outros animais. Ainda mais, Deus criou-os «a Sua própria imagem e semelhança» tornando-os sujeitos da Aliança e Seus parceiros. O homem e mulher, como seres humanos, pessoais se identificam com um «eu» único e irrepetível e, ao mesmo tempo, estão marcados por esta novidade ontológica, por uma solidão existencial, positiva, que encerra o mistério da sua peculiar dignidade. Uma solidão natural, prévia, que precede todas as outras características e determinações.

A experiência do pecado das origens introduziu no mundo uma rotura dolorosa com Deus e uma rotura não menos dolorosa nos relacionamentos humanos. É o que chamamos de solidão radical, existencial ou antológica. Uma solidão inerente à própria natureza humana, tanto que, o homem e a mulher são duas encarnações da mesma solidão. Uma solidão que tem uma dupla dimensão: revela a

dignidade de cada ser humano, que é «à imagem e semelhança do seu Criador»; e define o homem como interlocutor e parceiro de Deus. O homem é chamado à comunhão com o seu Criador e a colaborar com Ele, aperfeiçoando a obra da criação.

A solidão ontológica é aquela solidão que impele o homem a procurar a Deus e, ao mesmo tempo, a encontrar o seu justo lugar na obra da criação. Uma solidão que só Deus pode preencher, tal como dizia Santo Agostinho: o ser humano é sedento de Deus e não sossega senão quando descansar Nele. (27-30)

2. Individualidade e mistério pessoal

O homem experimenta a sua solidão «existencial» quando toma consciência da sua própria individualidade. Cada ser humano é um ser individual, partilha com os outros a mesma natureza humana, mas não se confunde com os outros: é «outro ser», distinto, separado, diferente. É um indivíduo, mas, esta individualidade não é suficiente para o definir. Ele é muito mais, é «pessoa». É um ser dotado de racionalidade, de interioridade, de autodeterminação, de livre arbítrio. É um ser capaz de comunicar com os outros seres humanos. Ainda mais, é um ser capaz de auto transcendência, isto é, de se relacionar com Deus. O facto de «ser pessoa» coloca-o acima de todos os seres criados, com uma incomparável dignidade: «Criou Deus o homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou» (Gn 1,27)

O ser humano, como pessoa, é alguém que toma decisões em todas as circunstâncias da vida. Um ser «livre», capaz de escolhas pessoais, nas quais não pode ser substituído por ninguém, que assume de forma incomparável, a responsabilidade de viver. Como ser humano, isto é, como pessoa, enfrenta a profundidade do seu próprio mistério. A sua «personalidade» assume a dimensão de uma solidão que chamamos de solidão ontológica ou existencial. Uma solidão persistente que os relacionamentos humanos não conseguem preencher. Mesmo, tendo a capacidade de comunicar, de se relacionar com os outros, ele continua a ser «pessoa», um ser único, distinto, e não pode deixar de estar só. Nesta solidão tão radical e persistente, reside a sua verdadeira grandeza, a sua dignidade «pessoal», singular, de carácter irreduzível. Uma dignidade altíssima que recebeu de Deus, da qual, ele próprio se torna

consciente, não só porque é diferente de outros seres, mas porque depositário de uma vocação de eternidade (3032).

3. Comunicação e incomunicabilidade

Cada ser humano possui um tesouro precioso, de incalculável valor, um tesouro em vasos de barro, diria São Paulo, um mistério escondido, uma fortaleza, onde é difícil, senão impossível entrar. É um mistério pessoal, um mistério de comunhão, mas que suscita admiração e, ao mesmo tempo, uma secreta e constante inquietação. De facto, reconhecemos em nós próprios a mesma solidão e o mesmo desejo de comunhão. No entanto, que comunicação poderá haver entre os homens? Todos aspiramos ao um encontro verdadeiro com os outros, porém, quantos encontros superficiais ou falhados?

A comunicação plena é certamente rara e difícil. O que há de mais profundo em nós é quase incomunicável. As palavras se revelam sempre insuficientes. Qualquer tentativa de diálogo é como lançar uma ponte sobre um abismo sem saber se do outro lado existe um caminho que realize tal comunicação.

O homem é feito para a comunicação. Toda a questão consiste em saber se é possível ultrapassar a barreira do isolamento que nos separa dos outros. O nosso tempo é uma evidente comprovação dessa procura ansiosa. Mas os meios de comunicação, aperfeiçoados que sejam, não ajudaram os homens a comunicar mais profundamente.

A comunicação tem um segredo, mas poucos parecem conhecê-lo. Paradoxalmente, todos os esforços parecem apostados para dissipar este segredo, banalizando-o ou tornando-o público. A consequência não pode que ser uma solidão ainda mais dolorosa. (32-35)

4. Solidão existencial e liberdade

Uma das expressões mais significativas da solidão original é o exercício da liberdade. O homem, nas suas escolhas não pode ser substituído por ninguém. E não se trata unicamente das grandes opções, mas também das pequenas escolhas do dia a dia. É nelas que se joga o sentido e a coerência da vida inteira.

Mais ainda, cada ato de liberdade pode ser causa de uma mais profunda solidão porque o separa cada vez mais de outros que fizeram escolhas diferentes. Esta é uma situação normalíssima, no entanto, também aqui se pode introduzir uma deformação negativa, pois, não raro, a intransigência aumenta quanto mais se apregoa o pluralismo, o que inevitavelmente isola os que não abdicam da liberdade que é, a mesmo tempo, seu direito e dever.

Não parece que, nos nossos dias, a capacidade de integração positiva da diferença, da aceitação da diversidade como um valor, seja maior do que no passado. Mais facilmente do que a tentativa de compreensão, contrapõe-se a indiferença, a desconfiança, os preconceitos, as críticas, que conduz à exclusão e, em fim, à condenação para a marginalidade. É este o processo de incompreensão que produz a solidão imposta que assim se desenha, como mais adiante teremos ocasião de considerar.

Por fim, a solidão própria da liberdade humana é particularmente acentuada, de maneira negativa, na medida em que o homem se separa do seu fundamento último, ou seja, quando procura uma liberdade sem Deus ou contra Deus. Mas poderá a liberdade, sendo um caminho solitário, ser também um caminho de esperança? Sim, se realizar a seguinte condição: se for possível, nesta solidão completa, um ato de suprema liberdade e, ao mesmo tempo, de inteira identificação com um desígnio transcendente, ou seja, divino. (35-37)

5. A experiência da solidão como fonte de comunhão

O homem, criado à imagem de Deus, destinatário da Aliança, vive uma profunda tensão interior: o seu desejo de eternidade e de perfeição defronta-se continuamente com a sua própria incapacidade de lhe dar pleno cumprimento.

O homem é animado por um intenso desejo de realização pessoal, de comunicação, de compromisso livre e responsável. No entanto experimenta a sua incapacidade radical. Descobre-se sozinho. Experimenta a sua solidão existencial que lhe vem da consciência viva, dramática, de que ninguém, poderá definitivamente corresponder à sua necessidade e satisfazer o seu desejo.

Esta solidão originária, se não se interpuserem obstáculos, podia tornar-se uma ajuda para descobrir a única fonte capaz de saciar a sua sede, a

Água viva, que é o próprio Deus. Os homens, tomando consciência da sua limitação humana e do seu destino transcendente, poderiam realizar um encontro mais autêntico com os outros e praticar uma verdadeira solidariedade, a partir do encontro pessoal com Deus.

A experiência do limite produz a compaixão, impelindo-o para a aventura do encontro pessoal e da relação comunitária. A solidão originária que acomuna todos os homens leva a procurar o sentido da vida e ao encontro com Deus. Um sentir-se solidários para com os outros, com os quais não só se partilha a mesma natureza humana, mas também a mesma esperança e o mesmo destino.

Mas o homem sozinho será capaz de dar esse «passo decisivo» para a solidariedade e pela comunhão? Não corre ele o risco de ficar paralisado dentro da sua própria solidão? Mais ainda, uma vez dado esse passo, poderá sozinho atingir a meta? Não será necessário continuar o caminho, mas desta vez num outro plano, onde a solidão do homem é abraçada e compenetrada pelo próprio mistério de Deus? (37-39)

Esta solidão originária conduz a descobrir a única fonte capaz de saciar a sede do homem: a Água viva, que é o próprio Deus. Os homens são sedentos de Deus e as experiências dolorosas das limitações humanas são como janelas abertas para o Transcendente. O encontro com Deus preenche a solidão e leva a realizar um encontro autêntico com os outros. A verdadeira solidariedade humana surge a partir do encontro pessoal com Deus.